



**Organização  
Pan-Americana  
da Saúde**



ESCRITÓRIO REGIONAL PARA AS

**Organização  
Mundial da Saúde**  
**Américas**

# **56° CONSELHO DIRETOR**

## **70ª SESSÃO DO COMITÊ REGIONAL DA OMS PARA AS AMÉRICAS**

*Washington, D.C., EUA, 23 a 27 de setembro de 2018*

---

CD56/DIV/3  
Original: inglês

**DISCURSO DE BOAS-VINDAS PROFERIDO PELA DRA. CARISSA F. ETIENNE  
DIRETORA DA REPARTIÇÃO SANITÁRIA PAN-AMERICANA  
E DIRETORA REGIONAL PARA AS AMÉRICAS DA  
ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE**

---

**DISCURSO DE BOAS-VINDAS PROFERIDO PELA DRA. CARISSA F. ETIENNE  
DIRETORA DA REPARTIÇÃO SANITÁRIA PAN-AMERICANA  
E DIRETORA REGIONAL PARA AS AMÉRICAS DA  
ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE**

**23 de setembro de 2018  
Washington, D.C.**

**56º Conselho Diretor da OPAS  
70ª sessão do Comitê Regional da OMS para as Américas**

Presidente Cessante do 55º Conselho Diretor, Honorável Dr. Octavio Sanchez Midence,  
Ministro da Saúde de Honduras,  
Secretário do Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos Estados Unidos da  
América, Exmo. Sr. Dr. Alex Azar II,  
Exmos. Srs. Ministros e Secretários de Saúde dos Estados Membros da OPAS/OMS  
Subsecretário Geral da Organização dos Estados Americanos, Exmo. Embaixador  
Sr. Nestor Menendez,  
Diretor Adjunto Geral para os programas da Organização Mundial da Saúde,  
Dr. Soumaya Swaminathan,  
Distintos delegados dos Estados Membros,  
Membros eminentes do corpo diplomático,  
Representantes de Organizações Não Governamentais em relações formais com a  
Organização Pan-Americana da Saúde,  
Representantes das Nações Unidas e de outras agências especializadas,  
Caros colegas da OMS e de OPAS,  
Convidados de honra,  
Estimadas senhoras e estimados senhores,

Um muito bom dia a todos.

É de fato tanto uma honra como um privilégio para mim dar-lhes boas-vindas hoje a esta Quinquagésima Sexta reunião anual do Conselho Diretor da Organização Pan-Americana da Saúde.

Em nome de todos os funcionários da OPAS, tanto aqui em nossa Sede como em nossas Representações e nossos Centros, desejo sinceramente agradecer sua presença e participação nesta reunião dos Órgãos Diretores. Aproveito esta oportunidade em nome da Secretaria e da Organização para expressar nossas condolências e nossa solidariedade ao Governo dos Estados Unidos da América e ao México pelas perdas sofridas como resultado de recentes desastres naturais. Sua presença aqui é ainda mais significativa visto que estou profundamente ciente de que

---

este Conselho Diretor está concorrendo com outros dois importantes eventos relacionados com a saúde, a saber as Reuniões de Alto Nível das Nações Unidas, sobre tuberculose e doenças não transmissíveis.

Eu sinceramente espero que os resultados dessas duas reuniões em Nova York proporcionem o impulso, a liderança, a promoção de causa e a ação tão necessários por parte dos chefes de Estado, que serão necessários para alavancar o progresso em direção ao cumprimento dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável de 2030.

A liderança política no nível mais alto do governo é essencial para alcançar as metas globais que foram definidas para a tuberculose e as doenças não transmissíveis, bem como o trabalho no âmbito nacional, para aumentar o acesso universal à saúde e cobertura universal de saúde. Isso é fundamental para garantir que ninguém seja deixado para trás. Uma direção política ativamente engajada, juntamente com o financiamento adequado de programas de saúde, será essencial para a construção dos sistemas de saúde resilientes necessários para gerenciar a próxima epidemia ou desastre e para proteger os ganhos em saúde alcançados.

Senhoras e senhores...

Eu acredito que este é um momento oportuno para fazer-nos algumas perguntas: Ainda estamos mantendo programas fortes e efetivos de prevenção e controle de vetores, tais como para o mosquito ubíquo *Aedes aegypti*, agora que o surto de zika sucumbiu?

Estamos mantendo taxas de cobertura de vacinação contra o sarampo e outras doenças evitáveis por vacinas superiores a 95 por cento em todos os bairros, povoados, municípios, cidades, distritos, estados e países?

Estamos mantendo sistemas de vigilância fortes para detectar a possível reintrodução da malária e outras doenças em áreas onde essas doenças foram eliminadas?

Hoje, estamos todos extremamente conscientes de que apesar dos sucessos notáveis e marcos históricos atingidos na saúde pública durante as décadas passadas, nossa Região enfrenta numerosos desafios, colocando em risco nossos ganhos, conquistados com trabalho árduo, e possivelmente diminuindo nossa capacidade abordar desafios novos e emergentes.

A busca pelo crescimento econômico nas últimas décadas levou a um aumento substancial da riqueza para um grande número de pessoas em todo o mundo, bem como em nossa Região. Pela primeira vez na América Latina, o número de pessoas na classe média ultrapassou os que vivem na pobreza. O Fundo Monetário Internacional [FMI]

agora estima que a atividade de crescimento regional irá acelerar para 1,9 por cento em 2018 e 2,6 por cento em 2019.

No entanto, apesar dessas melhorias, há evidências de que na América Latina a desigualdade persiste. Estima-se que cerca de 241 milhões de pessoas ainda não tenham acesso à proteção social.

De acordo com o Fórum Econômico Mundial, embora a desigualdade global esteja em declínio, a desigualdade dentro do país é um problema cada vez mais corrosivo em muitos países. A partir de suas análises, Rising e Wealth Disparity estão em terceiro lugar como um condutor de riscos globais nos próximos 10 anos.

Fatores como eventos climáticos extremos e catástrofes naturais, o fracasso na minimização e adaptação à mudança climática, a migração em grande escala, a baixa coesão social, a violência social, a fraca capacidade de governo, a instabilidade social profunda e a disseminação de doenças infecciosas estão impactando negativamente as condições de saúde e bem-estar em nossa Região.

Isto significa que para apresentarmos os resultados esperados dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, inclusive o ODS-3 relacionado com a saúde, será necessário obter apoio estratégico e ambicioso para indivíduos em circunstâncias e em ambientes frágeis com o objetivo de garantir que não fiquem para trás.

Muitas populações e diversos países afetados pelos furacões monstruosos ocorridos em 2017 ainda estão lutando para se recuperar e encontrar soluções para os efeitos e impactos de longo prazo desses desastres, ao mesmo tempo em que se preparam simultaneamente para enfrentar as ameaças atuais representadas pelas muitas tempestades e furacões tanto no Oceano Atlântico como no Golfo.

Isso me leva a perguntar se estamos trabalhando conjuntamente para reduzir nossas contribuições para a pegada de carbono e buscando adaptar e minimizar o impacto da mudança climática sobre a saúde? Estamos nos esforçando para fortalecer os sistemas de saúde para que sejam resilientes e sustentáveis? **A mudança climática exacerba fragilidades** na medida em que climas extremos, a incerteza agrícola e a insegurança alimentar e de acesso à água representam, todos, fatores de riscos adicionais que podem ser particularmente desafiadores para as comunidades, que já são vulneráveis.

Hoje, nossa Região está, além disso, enfrentando uma crise monumental de migração, na qual fluxos sem precedentes de migrantes estão abandonando seus países de origem em busca de pastagens econômicas mais verdes ou fugindo de condições de conflito e violência social e de instabilidade política. Seja qual for a razão, todos estamos extremamente conscientes de que a saúde e o bem-estar dos migrantes está em risco e

que a migração pode ser um fator contribuidor significativo para a propagação de algumas doenças transmissíveis, conforme demonstrado pelo recente caso de propagação de sarampo e malária em países desta Região durante os últimos 12 meses.

Gostaria de destacar um desafio de saúde potencialmente desastroso de nossos tempos, a saber, resistência aos antimicrobianos [RAM], que constitui uma ameaça global que pode reverter os ganhos obtidos ao longo de muitos séculos. Apesar de observamos que têm havido alguns primeiros sinais de ação no sentido de reagir a essa ameaça, nossas respostas têm sido brandas e insuficientes. Todos reconhecemos que os dois grandes condutores subjacentes da RAM são o abuso e mal-uso dos antibióticos, tanto no sistema de saúde humano como na produção animal, bem como a total falta de novos medicamentos em fase de desenvolvimento. É muito importante notar que nenhuma nova classe de antibióticos foi desenvolvida desde a década de 1980.

O ambiente no qual opera a Repartição Sanitária Pan-Americana também está mudando na medida em que testemunhamos as extensas reformas sendo empreendidas pelas Nações Unidas. Reconhecemos plenamente e acolhermos a necessidade fundamental de efetuar reformas vitais para promover sinergias e aumentar a efetividade. A Secretaria da OPAS tem plena consciência da dupla natureza da OPAS, tanto como instituição independente dentro do sistema interamericano, quanto como Escritório da OMAS para as Américas e se esforçará para colaborar no nível nacional e regional com a Reforma da ONU.

Por fim, além de todas as questões que acabo de identificar, deve-se observar que a América Latina está atravessando um superciclo de eleições, época em que 15 dos 18 países estão realizando eleições presidenciais entre 2017 e 2019.

É sobre essa colcha de retalhos de desafios complexos que estamos nos reunindo aqui hoje. Temos uma agenda cheia e interessante para considerarmos nos próximos dias, e eu sinceramente espero que este fórum proporcione uma oportunidade para compartilharmos valiosas lições aprendidas e boas práticas, para gerar ideias inovadoras e para desenvolver soluções criativas para alguns de nossos problemas mais urgentes. Os resultados de suas deliberações contribuirão para o fortalecimento de nossa colaboração e cooperação técnica com vocês, nossos Estados Membros, e para a melhoria da saúde e do bem-estar dos povos das Américas. Sem dúvida a última é a causa que une todos nós. A base para esta união está ancorada nos cinco valores coletivos de equidade, excelência, solidariedade, respeito e integridade abraçados pela Organização.

Este Conselho Diretor está ocorrendo durante o ano em que marca o quadragésimo aniversário da Declaração de Alma-Ata de 1978 sobre a Atenção Primária à Saúde [APS], um marco de saúde pública do século XX. Sua visão foi bem capturada em sua chamada de mobilização pela Saúde para Todos. Os valores e os princípios da abordagem de APS formaram a base de muitos mandatos da OPAS, e têm orientado

iniciativas de fortalecimento de sistemas de saúde e processos de reforma sanitária. Na medida em que refletimos sobre essa Declaração e consideramos as lições aprendidas com a implementação dessa, está cada vez mais claro que esses valores e princípios continuam sendo relevantes para o nosso tempo. Como já disse repetidamente, a Saúde Universal é a expressão da Declaração de Alma-Ata no século XXI. Portanto, a ocasião é adequada para reafirmarmos nosso compromisso para com a abordagem de atenção primária à saúde, que se esforça para prestar a todos serviços culturalmente apropriados, disponíveis, acessíveis, adaptáveis, aceitáveis e de qualidade para todos.

Em outubro deste ano, em Astana, no Cazaquistão, o mundo revisitará e voltará a se comprometer com a saúde universal baseada na atenção primária à saúde. Espero que muitos de vocês, ministros aqui reunidos, participem desta histórica reunião e mostrem a experiência e o compromisso desta Região.

Gostaria de dividir com vocês alguns exemplos de nossa região que demonstram nossa capacidade coletiva de termos sucesso quando nos mantemos unidos em um curso de ação proposto específico para melhorar a saúde do público.

Em junho de 2018, celebramos a certificação do Paraguai de área sem malária – concedida pela Organização Mundial da Saúde. Nenhum caso dessa doença transmitida por mosquito foi registrado no país desde 2012. Além disso, trata-se da primeira nação nas Américas, em 45 anos, a alcançar esse marco. Ao anunciar essa conquista, o Ministro da Saúde, Carlos Ignacio Morínigo reconheceu as mais de cinco décadas de trabalho árduo, tanto por parte dos trabalhadores de setor públicos como da própria comunidade.

Há quatorze anos, líderes de saúde do México renovaram o compromisso da nação com a eliminação do tracoma, uma causa debilitante da cegueira. Como muitos aqui sabem, seus esforços persistentes foram retribuídos no ano passado, quando a OMS certificou o México como país isento de tracoma, o primeiro nas Américas e o terceiro no mundo a fazê-lo, atrás de Omã e Marrocos. Foi uma façanha extraordinária, da qual todos podemos nos orgulhar.

Estou certa de que milhares de pessoas trabalharam diligentemente para tornar essa meta uma realidade. Uma delas foi Fidencio Lopez, um trabalhador de saúde pública no estado de Chiapas. Fidencio serviu na Brigada de Tracoma de Chiapas, um grupo de profissionais de saúde que foram de casa em casa e de povoado em povoado em áreas rurais do estado para identificar e tratar casos de tracoma, bem como para dar acompanhamento às pessoas submetidas a cirurgia de prevenção da cegueira. Fidencio e seus colegas também estabeleceram programas em escolas para demonstrar a limpeza e a saúde dos olhos, para que as crianças, que representam a próxima geração, não sofressem de cegueira.

O Fidencio é a personificação da tenacidade, da determinação e da perseverança. Não tenho dúvidas de que existem muitos como Fidencio em nossa Região. A eliminação de doenças requer persistência, compromisso dedicado, engajamento da sociedade como um todo além de apoio político, liderança e financeiro apropriado. A Secretaria está liderando os esforços para construir uma agenda de eliminação para a Região que será apresentada aos Órgãos Diretores em 2019.

Estimadas senhoras e estimados senhores...

Na medida em que encerro minhas colocações, quero fazer um apelo a cada um e a todos, não apenas à liderança dos Ministérios da Saúde, mas a todos os setores de governo, da iniciativa privada, da sociedade civil, dos municípios e das comunidades para que façam esforços extras e significativos para ter sempre em mente as pessoas que vivem em condições de vulnerabilidade e fragilidade ao formularem políticas e programas de saúde, comércio, agricultura, educação e outros setores. Essa é a única forma de verdadeiramente assegurarmos de que ninguém seja deixado de fora.

Não estou sugerindo, de maneira alguma, que essa seja uma tarefa fácil, mas pelo contrário, trata-se de uma tarefa absolutamente necessária quando acreditamos em equidade; que todo indivíduo deve receber os meios e ter o acesso que o permita atingir o mais alto padrão de saúde; que a saúde é um direito humano fundamental; e caso realmente acreditemos no princípio de Saúde Para Todos.

Devemos fortalecer a solidariedade dentro dos países e entre esses visando reduzir a incerteza, a instabilidade e a fragilidade. Devemos reconstruir a solidariedade se quisermos atingir as metas da Agenda de Desenvolvimento Sustentável de 2030 sem deixar ninguém de fora.

Uma vez mais, muito calorosas boas-vindas a todos.

Muito obrigada.

---